

**O DESAFIO DE PENSAR O OUTRO: AS REPRESENTAÇÕES  
FEITAS SOBRE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Mariana PINI-FERNANDES

(Orientadora): Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

**RESUMO:** O presente artigo trata-se de um recorte feito a partir de nossa pesquisa de iniciação científica acerca das representações feitas sobre pessoas em situação de rua. Para a realização de nossas análises utilizaremos conceitos postulados pelo campo da Análise do Discurso.

Atentaremos-nos, mais especificamente, às primeiras análises realizadas a partir das entrevistas que fizemos com algumas pessoas que vivem nas ruas, com o foco nas representações que são feitas sobre elas.

**Palavras-chave:** 1. Lingüística Aplicada; 2. Discurso; 3. Identidade; 4. Exclusão.

### **Introdução**

O objetivo de nossa pesquisa é analisar os discursos produzidos acerca das representações feitas sobre pessoas em situação de rua hoje no Brasil, mais especificamente no estado de São Paulo, de maneira a observar o modo como são construídas suas identidades.

Para tanto, estruturamos nossa pesquisa em três grandes partes fundamentais. A primeira delas conta com a análise de entrevistas que realizamos com moradores em situação de rua na cidade de Campinas, interior de São Paulo. A segunda parte diz respeito à análise de alguns artigos de jornais do estado de São Paulo que trazem essas pessoas como sujeito central. A terceira e última parte, que vamos começar a desenvolver no segundo semestre de 2009, é a realização e análise de entrevistas com adultos que não se encontram na conjuntura de moradores de rua, mas que aceitem falar de suas experiências e representações do assunto.

Para o presente artigo nos atentaremos mais especificamente à primeira parte, que estamos desenvolvendo em nosso programa de iniciação científica iniciado em Agosto de 2009.

## Metodologia

Como aparato teórico e metodológico, contamos com os mecanismos postulados pela Análise de Discurso (doravante AD), que não vê o sujeito como um *sujeito cartesiano*, isto é, consciente de seus desejos e atos. Para a AD, o sujeito é discursivo, inserido num determinado contexto social, histórico e cultural e, sendo assim, é cindido por seu inconsciente e por ideologias que, por sua vez, fazem “com que todo sujeito ‘funcione’, isto é, tome posição, ‘em total consciência e em total liberdade’” (PÊCHEUX, 1995: 171).

O sujeito é, portanto, sempre visto em suas interações sociais e com outros, que também o constituem em sujeito. Como observa Coracini (2007:17), em uma releitura de Lacan e Foucault,

“se Lacan (1966 [1998]) tem alguma razão ao dizer que nos vemos inevitavelmente pelo olhar do outro, que a imagem que construímos de nós mesmos provém do(s) outro(s), cujo discurso nos perpassa e nos constitui em sujeitos, construindo, no nosso imaginário, a verdade sobre nós mesmos, verdade com a qual nos identificamos e que assumimos como se não fosse transitória, então, é possível afirmar com Foucault que o sujeito é uma construção social e discursiva em constante elaboração e transformação. Sujeito da linguagem, para Lacan, lugar ou função discursivas, para Foucault, em ambas as visões, embora com pressupostos diferentes, o aspecto social se faz presente: *o sujeito é também alteridade, carrega em si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele.*” (Grifo nosso).

No caso específico dos moradores em situação de rua, essa alteridade que os constitui é carregada de exclusão e muitas vezes negação. Essas pessoas são constantemente designadas a partir de adjetivos marcados pejorativamente, como, por exemplo: mendigo, bêbado, drogado, vagabundo. Ou ainda são tratadas como inexistentes, por aqueles que simulam não os verem.

Como mostraremos em nossa próxima seção, é comum que as pessoas que vivem nas ruas tragam também a fala desse outro ao falarem de si. A necessidade de falar da exclusão se faz à medida que ela significa na construção das identidades dessas pessoas.

## Resultados Parciais Obtidos no Período

O que podemos observar com o início de nossas pesquisas, é que, de fato, quase não há, em nossa sociedade, lugar para que essas pessoas falem de si mesmas. Na mídia, não são raras as vezes que temos o morador de rua como sujeito de artigos ou reportagens, porém não é comum que se abra espaço para que essas pessoas falem de si mesmas.

Portanto, nesta seção, apresentaremos nossas primeiras análises das entrevistas<sup>1</sup> realizadas com pessoas em situação de rua. Para a realização das transcrições seguimos um padrão corrente na Linguística Aplicada, de modo a facilitar a leitura das entrevistas<sup>2</sup>. É importante destacarmos ainda que mantivemos as hesitações, truncamentos, interrupções etc., já que isso poderia, eventualmente, ser um elemento relevante para nossa pesquisa.

Para constituição dessa parte de nosso *corpus*, partimos da seguinte questão dirigida aos entrevistados: “Há quanto tempo o(a) senhor(a) está na rua e qual o motivo que o(a) levou a ela?”.

Nosso objetivo com essa pergunta não é constatar como é a vida dos moradores em situação de rua em geral, mas antes a história individual de nossos entrevistados. Após a pergunta inicial, procuramos deixar os entrevistados falarem, interferindo o mínimo possível.

### **A relação com o outro**

Como dito anteriormente, acreditamos que o sujeito é uma construção social e, portanto, se encontra em constante transformação. Além disso, para a AD o sujeito é também alteridade na medida em que traz consigo o outro.

Sendo assim, nos pareceu produtivo analisar de que forma essa alteridade funciona no caso específico das pessoas que vivem nas ruas. Para tanto, ao realizar nosso projeto de iniciação científica, propomos analisar de que maneira a mídia e a sociedade significam essas pessoas. Surpreendentemente, já em nossas entrevistas com os próprios moradores em situação de rua, chamou-nos a atenção justamente a necessidade de falar sobre o modo como se sentem vistos por esses outros.

Acreditamos que essa necessidade se dá à medida que, na situação específica dessas pessoas, há um imbricamento do privado e do público - circunstância particular de vida num contexto capitalista - o que traz, por

---

<sup>1</sup> É importante ressaltarmos também que para a realização dessas foi necessário o consentimento da prefeitura da cidade de Campinas e durante todo o tempo que estivemos junto aos entrevistados tínhamos também presente um assistente social do SARES.

<sup>2</sup> Para a realização de nossas transcrições, seguimos as seguintes normas:

E Entrevistado

P Pesquisador

X Terceira pessoa, no caso o Assistente Social

/ Pausa curta

// Pausa longa

: Prolongamento de sílaba ou palavra

[] Nota do pesquisador-entrevistador

conseqüência, a vulnerabilidade a esse outro. E o que sugere o seguinte trecho extraído de uma de nossas entrevistas:

E3: aí: já:/ eu fico aqui/ com o pessoal aqui/ até umas horas // mas eu durmo sozinho na outra ponte lá em cima

P: lá em cima?

E3: é:

P: aham

E3: ih: // sei lá/ é chato a gente tá dormindo/ todo mundo olhando/ dormin:do/ eu não gosto

P: uhum

E3: e também malDAde:// na cidade tem muito / né?

P: tem muita maldade?

E3: muita maldade:/ gente mau aí

P: é né?

E3: [inc.] prefiro durmo escondidinho

Ao explicitar que dorme *escondidinho*, o entrevistado (E3) expõe o problema da falta do privado em uma sociedade capitalista. Caso não se escondesse para dormir, ele afirma que estaria sujeito à *maldade*. Ademais, ele usa o adjetivo *chato* para classificar a situação de ser visto dormindo.

Porém, é importante enfatizar que o capitalismo, bem como qualquer outra forma de organização, é um sistema econômico e social construído. Ao apontar que não gosta de dormir sob os olhos de outros, E3 traz consigo um discurso muito corrente na sociedade que se insere, isto é, de que a falta de privacidade é incômoda.

Como postula Pêcheux (1988: 173), “o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina”. No exemplo exposto, E3 fala a partir de uma determinada posição-sujeito, isto é, a de morador de rua que se encontra no contexto de uma sociedade capitalista, onde o público e o privado devem estabelecer fronteiras bem delineadas. O indivíduo sem domicílio fixo não está fora da sociedade, ele está no seu limite, mas ainda faz parte do sistema capitalista à sua maneira.

Outro ponto a ser destacado nessa entrevista é a ênfase que o entrevistado dá à imagem que ele acredita que as outras pessoas fazem dele. Vejamos a continuação de sua fala:

E3: infelizmente/ a vida na rua/ não é fácil// a gente vê assim/ que os cara fala/ ó as vagabundaiada // NÓIS num é vagabundo// tem uns que até:/ pode até/ ser vagabundo / fia// mas tens UNS/ falta uma oportuniDAde/ pra eles mostrarem o talento/ deles

Um aspecto que podemos notar nesse trecho, e que é comum a fala também de outros entrevistados, é a sustentação enfática de que essa imagem que é feita deles não corresponde à realidade. Ao destacar o pronome pessoal “nós” em “*NÓIS num é vagabundo*” e em seguida afirmar que “*tem uns que até:/ pode até/ ser vagabundo*”, E3 parece buscar se justificar perante a sociedade, que, nesse caso, tem a função de *interlocutor* do discurso.

Segundo Pêcheux (1990: 82), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações).”.

Na fala de nossos entrevistados é comum que essa projeção do outro seja trazida de maneira a evidenciar a exclusão à qual se sentem acometidos, como podemos verificar os excertos abaixo:

E1: mas o descrédito é: a: a: a dificuldade da/ da reintegração à sociedade que essas pessoas têm/ então a: dificuldade é reintegrá-las à sociedade/ de uma forma digna da forma que elas precisam/ sem discriminação: abrindo realmente se você abrir um espaço abrir um espaço dando crédito sabe dando o apoio dando é aquela necessidade de que você faz a sua parte

E5: E a polícia não tá nem aí/ A polícia não tá nem// Quer que mate outro/ entendeu?// Minha vida é essa aí ó/ [inc.] na rua// agora que a turma bate bate/ tem movimento/ um spray que tem/ judia judia (...)uma turma/ Skin Head/ cê já ouviu falar?

P: Já ouvir falar

E5: Eles não gostam de trecheiro

P: O que que é trecheiro?

E5: Trecheiro é turma de rua

P: É turma de rua

E5: Roda de baiano/ de paraense/ de nordestino// eles não gostam de prostituta/ não gostam de travesti// não gostam de preto eles não gostam nem deles eu acho/ uns uns alemão dos olho azul/ careca// Skin Head são né/ [inc.] vai tomar uma pedrada (...)Eles batem na cabeça// batem pra matar

O primeiro entrevistado (E1), traz a questão do descrédito em relação aos indivíduos que não têm domicílio fixo. Ao falar sobre “*a dificuldade da/ da reintegração à sociedade*”, E1 sugere que não se sente integrado à sociedade. Mais uma vez, podemos observar uma possível alusão velada do discurso dos

entrevistados ao discurso capitalista vigente, em que *estar integrado* à sociedade significa, além da distinção do público com o privado, ter um emprego.

Essa visão de marginalização da sociedade é trazida também por E5 ao falar sobre grupos de pessoas que se unem a partir de ideais de não aceitação de outros grupos sociais, como, por exemplo, os chamados *skin heads*. Ao afirmar a ação violenta desse grupo contra as pessoas que vivem nas ruas, “*batem na cabeça// batem pra matar*”, ficam evidentes as conseqüências extremas desse discurso de que o morador em situação de rua não pertence à sociedade, que permeia o capitalismo.

### **O uso da terceira pessoa**

Em nossa primeira entrevista, um outro ponto que nos prendeu a atenção é que durante a fala de E1, muitas vezes ocorre uma transição do uso da primeira pessoa do singular para a terceira, na tentativa de uma auto-correção.

Vejamos o início dessa entrevista:

P: Eu gostaria que o senhor me falasse um pouco é como que: o senhor veio pra rua: se: se isso foi desde criança/ ou se aconteceu alguma coisa

E1: não no / no meu caso num é / num é / desde criança né [barulho de ônibus] / eu sou de uma família:/ sou paulistano né/ de uma família de: classe média alta

P: uhum

E1: né: tenho estudo tenho segundo grau completo/ é: tenho profissão e tudo/ minha história talvez não seja: tão diferente das dos demais né: [grifo nosso].

Logo em seguida, porém, o que notamos é uma mudança gradual da primeira pessoa (caso pessoal), com o uso do pronome eu, para o uso freqüente do pronome indefinido *você*. Nesse processo de mudança, o entrevistado muitas vezes emprega também a locução *a gente*.

E1: “no caso/ mas: é: o alcoolismo as drogas enfim: tudo aquilo que: que a gente acaba conhecendo é: em excesso [barulho de freio] aparentemente pode parecer que num: que num traz/ tanto prejuízo né/ por mais que você tenha uma vida está:vel que você ache que ta/ cumprindo com o seu papel na socieda:de/ que você: adquire até uma famí:lia [inc.] [barulho de freada de ônibus] E: no meu caso: é: eu:/ saí de casa: com quatorze anos né/ mas: trabalhando sempre trabalhei/ registra:do sempre: me profissionalizei sempre tive um: [barulho de carro] uma busca pr'um: lado bom/ Mas: ao mesmo tempo isso daí fez com: com que eu conhecesse/ tivesse contato com determinadas drogas né/ Enquanto

era uma droga le:ve a gente/ ia conciliando com os ami:gos e tudo era alegria tudo era de uma forma mais: vamos dizer assim: florida/ Mas: o exce:sso o exage:ro e a: e a dependência da química/ ela: ela faz com que você: vá abandonando e vá perdendo certos valores né” [grifo nosso.]

Quando E1 diz, por exemplo, “tenho estudo tenho segundo grau completo/ é: tenho profissão e tudo/ minha história talvez não seja: tão diferente das dos demais né:” ele está falando de si, de sua vida pessoal. Porém, ao falar “Mas: o exce:sso o exage:ro e a: e a dependência da química/ ela: ela faz com que você: vá abandonando e vá perdendo certos valores né”, o entrevistado E1 se distancia do sujeito do discurso e não fala mais de si, ele enuncia por todos aqueles que são dependentes químicos.

Assim, ao se valer do uso da terceira pessoa do singular, através do pronome indefinido *você*, o efeito produzido no interlocutor é de distanciamento do sujeito da conversa, isto é, os moradores em situação de rua. Segundo Guimarães (2002, p. 29), no momento em que o locutor “toma o enunciador-genérico como argumento para si [...] a sua voz passa a ser a voz de todos, por isso ele fala com razão”. Desse modo, E1 se isenta, de certa forma, dos acontecimentos que descreve, pois ao falar de si, ele fala por todos que se encontram na mesma situação.

Ao longo de seu discurso, podemos observar ainda que há momentos em que as construções de seu enunciado parecem lhe escapar e E1 volta a usar verbos em primeira pessoa. Porém, logo em seguida, E1 parece se auto-corriger e volta ao uso da terceira pessoa do singular.

E1: “cê acabou abandonando é: todo tudo aquilo que que tava a sua volta que: que te realizava e você e era um conjunto da: da própria vida da sociedade da qual a gente acaba vivendo/ então isso daí: isso daí acaba: acabou acaba afastando/ aí quando você tem esse despertar e ainda dá uma retomada/ cê dá uma retomada mas seu crédito já num é: já não é igual porque: você já: você já se queimou né:” [grifo nosso]

E1: “poucos conhecem a sua história/ e: assim eu acabei se acaba conhecendo e você VÊ um lado:/ do de valor que as pessoas tem”.

## **Conclusão**

Trouxemos nesse artigo os primeiro resultados obtidos em nossas pesquisas sobre as representações sobre pessoas que vivem nas ruas. Essa primeira parte destinou-se à análise de alguns trechos das entrevistas que realizamos com indivíduos sem domicílio fixo na cidade de Campinas.

O que podemos notar é que frequentemente ao falar de si, essas pessoas trazem em seu discurso os estereótipos que acreditam que os outros fazem deles. Tais estereótipos estão inseridos num discurso vigente na sociedade capitalista, onde o público e o privado devem ser bem demarcados, não podendo se coincidir.

Um mecanismo que nos pareceu corrente no discurso dos entrevistados é a auto-justificação a partir da imagem que essas pessoas acreditam que os outros fazem delas. No caso específico de um dos entrevistados, E1, essa auto-justificação fica marcada pela frequente troca do pronome pessoa “eu”, para o uso do pronome indefinido “você”.

Pretendemos dar continuidade às nossas pesquisas nos semestre que se seguirão. Continuaremos realizando entrevista com os moradores em situação de rua e partiremos para a segunda parte de nosso programa, a realização da análise dos discursos desses *outros* sobre essas pessoas.

---

### Referências Bibliográficas:

- CORACINI, M.J. (2007) *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras.
- \_\_\_\_\_. (2007) Sujeito, identidade e arquivo – entre a impossibilidade e a necessidade de dizer(se). In *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, p.15-26.
- \_\_\_\_\_. (2007) Pêcheux hoje: no limiar das dúvidas e (in)certezas. In: Coracini, M.J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade - línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras.
- FOUCAULT, M. (1986) *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (1970) *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1977) A vida dos homens infames. In Foucault, M. *O que é um autor?* Portugal, Lisboa: Passagem, 1992, p89-126.
- \_\_\_\_\_. (1990) *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. (2007) *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal.
- GUIMARÃES, E. (2002) *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes.
- MAINGUENEAU, D. (1991) *L'Analyse du Discours*. Paris: Hachette.
- \_\_\_\_\_. (1996) *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Éditions du Mémo Seuil.
- ORLANDI, E. (1999) *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2007) O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo *in org.* INDURSKY, F. e FERREIRA, M.C.L. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- PÊCHEUX, M. (1969) *Analyse Automatique du discours*. Paris: Dunod.
- \_\_\_\_\_. (1988) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. (1997) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp. P.163-25